



PROTESTANTISMO E IMPERIALISMO NO CHACO PARAGUAIO: UMA CONSTATAÇÃO A PARTIR DA LEITURA SOBRE O RELATO DO MISSIONÁRIO WILFRED BARBROOKE GRUBB

Josué Passos de Melo

Colégio Tiradentes da Polícia Militar, Unidade I (CTPM-I)

E-mail: josuepassosdemelo@gmail.com

RESUMO: Este texto foi motivado pela leitura do artigo “Grubb, missionário & etnógrafo no Chaco paraguaio”, de autoria do professor Hélio Rocha sobre o relato do missionário e etnógrafo Wilfred Barbroke Grubb no Chaco Paraguai. O objetivo foi o de constatar ações imperialistas nas estratégias do missionário protestante. Para tanto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica tendo-se como base teórica os estudos dos historiadores Bloch (2001); Michel De Certeau (2010); Hobsbawm (1988); e Said (1995) e dos teólogos Alves (1982) e Biéler (1999). Nessas obras, foram subsidiadas a definição dos conceitos de história, imperialismo e protestantismo, que nortearam a análise dos dados da pesquisa. A partir dessa análise, ficou constatado que o protestantismo, não importando suas origens ou características, foi utilizado como estratégia para a colonização de mentes conforme os interesses da nação imperialista.

Palavras-chave: História 1. Protestantismo 2. Imperialismo 3. Relato de viagem 4.

PROTESTANTISM AND IMPERIALISM IN CHACO PARAGUAIO: A FINDING FROM THE READING ON THE REPORT OF MISSIONARY WILFRED BARBROOKE GRUBB

ABSTRACT: This text is the result of an analysis of the article “Grubb, missionary & ethnographer in the Paraguayan Chaco”, by Professor Hélio Rocha on the account of the missionary and ethnographer Wilfred Barbroke Grubb in the Paraguayan Chaco. The objective was to verify imperialist actions in the strategies of the Protestant missionary. For this purpose, bibliographic research was used, having as a theoretical basis the studies of historians Bloch (2001); Michel De Certeau (2010); Hobsbawm (1988); and Said (1995) and the theologians Alves (1982) and Biéler (1999). In these works, the definition of the concepts of history, imperialism and Protestantism were subsidized, which guided the analysis of the research data. From this analysis, it was found that Protestantism, regardless of its origins or characteristics, was used as a strategy for the colonization of minds according to the interests of the imperialist nation.

Keywords: History 1. Protestantism 2. Imperialism 3. Travel History 4.

INTRODUÇÃO

A motivação para escrever esse texto surgiu após a leitura do artigo “Grubb, Missionário & Etnógrafo no Chaco Paraguai” de autoria do Professor e Tradutor Hélio

Rocha¹, que analisou aspectos do relatório missionário do pastor anglicano Wilfred Barbrooke Grubb, o qual realizou incursões no território do Chaco paraguaio, com objetivos conversionistas ao povo da etnia *Lengua*, que se movimentava na região do *Chaco* paraguaio.

Nosso objetivo é o de apresentar tópicos encontrados naquele artigo, que evidenciaram intenções imperialistas na América do Sul, com a participação de empreendimento missionário protestante, prática que se pode constatar, também, na Amazônia brasileira.

Para tanto, fizemos uma pesquisa bibliográfica analisando, paralelamente, ao objeto escrito, narrativas primárias em forma de relatório de viagem. Os relatórios de viagens são excelentes documentos históricos, nos quais, o pesquisador pode encontrar, de primeira mão, narrativas dos protagonistas do evento que se pretende analisar. E, nessa busca pela comprovação histórica, pode-se fazer uma comparação com textos que foram escritos por outros pesquisadores, que utilizaram aquela fonte primária.

O artigo foi fundamentado pelos pressupostos teóricos dos seguintes autores: Marc Bloch (2001); Michel De Certeau (2010); Eric Hobsbawm (1988); e Edward Said (1995) e dos teólogos Rubens Alves (1982) e André Biéler (1999). Ainda utilizamos uma sequência de obras sobre história regional amazônica (TEIXEIRA & FONSECA, 2003; FONSECA, 2020), história teológica (REILY, 1993; MCGRATH, 2007a; 2007b; SENARCLENS, 1970), história da Igreja (HASTING 1992; HEITZENRATER, 1996; SAUSSURE, 2004); política (FURTADO, 1995; GUIMARÃES, 2013; COSTA, 2021), relato de viagem (KIDDER, 2008; MATHEWS, 2020), e mais outras obras, cuja relação constam nas referências bibliográficas.

De início, como primeiro tópico, apresentamos o referencial teórico e a concepção metodológica, no qual discutimos o fazer história e a fundamentação científica. Depois, como subtópicos, apresentamos a definição dos conceitos que nortearam a pesquisa, dentre eles: história, imperialismo e protestantismo.

No tópico seguinte, analisamos o relatório de viagem de *Wilfred Barbrooke Grubb*, a partir das impressões registradas no artigo do Professor Hélio Rocha. Outras obras dessa mesma natureza literária, também, foram consultadas e verificou-se que o *modus operandi* de infiltração em regiões a subjugar, praticados por potências imperialistas, ocorreu de forma

¹ ROCHA, Hélio. Grubb, Missionário & Etnógrafo no Chaco Paraguaio. In Revista Igarapé. Porto Velho (RO). V.12, N. 4, p. 39-51, 2019. O artigo citado foi elaborado a partir da Tradução completa do relatório de Grubb, efetuada também, pelo Professor Doutor Hélio Rocha, que será publicada em breve, com o título: “Os Lengua-Mascoy do Chaco Paraguaio”

semelhante.

Por fim, seguem nossas considerações finais, nas quais apresentamos argumentos que dão conta (ou pelo menos sugerem) a utilização do protestantismo Anglicano como estratégia da política imperialista da Inglaterra, sobre a população *Lengua* do Chaco paraguaio.

1 PROTESTANTISMO E IMPERIALISMO: DEFINIÇÃO CONCEITUAL

As discussões sobre os termos protestantismo e imperialismo, identificados no relato de viagem em estudo, são fundamentados pelas seguintes matrizes teóricas: Alves, (1982) e Biéler (1999), que produziram estudos sobre o protestantismo. E, Hobsbawm (1998); Said (1995), cujas obras analisam o imperialismo como estratégia de dominação. Para maior compreensão dos termos, dividimos este tópico em dois subtópicos, conforme sequência abaixo:

1.1 O Protestantismo

Há inúmeras definições para o termo protestantismo dada as peculiaridades de cada formação denominacional, assim como, as circunstâncias locais no contexto histórico e teológico dessa formação. Contudo, neste artigo, iremos considerar alguns tópicos essenciais para a definição deste fato social.

O psicanalista, educador, teólogo, escritor e pastor presbiteriano brasileiro Rubem Azevedo Alves afirma que “A história coloca à nossa frente uma pluralidade de Protestantismo” (ALVES, 1982, p. 27). Isto implica que o grupo religioso cristão identificado como protestantismo, na verdade, é um conjunto de vários grupos religiosos cristão. O protestantismo, embora distinto do catolicismo, mas não totalmente entre os grupos que o constituem, não é monolítico. “Por isso parece-me que o termo protestantismo não pode ser usado como um conceito científico, por não se referir de forma unívoca a um objeto determinado que exibe constates de comportamento” (ALVES, 1982, p. 27).

A forma mais didática para definir o termo protestantismo conforme sugeriu Rubens Alves (1982), seria pelo auxílio que a história ofereceu ao cristalizar o termo “denominação”. As denominações protestantes se organizaram a partir das sucessivas reformas no seio do cristianismo, sobretudo no período da Idade Média e crepúsculo da Idade Moderna.

Em 31 de outubro de 1517, com o objetivo de denunciar a corrupção nas ações da Igreja Católica, Matinho Lutero convidou interessados a participarem de um “Debate para o

esclarecimento do valor das indulgências” (LUTERO, 1984, p. 33). A divulgação de uma relação de 95 teses para serem debatidas marcou o evento denominado de Reforma Protestante; que foi também o início da Igreja estatal Germânica. Embora Lutero não tenha registrado nenhuma denominação, mas foi desse evento histórico que surgiu a Igreja Luterana (SAUSSURE, 2004).

Pouco depois a esse evento protagonizado por Lutero, na Alemanha, João Calvino e Ulrico Zuínglio lideraram uma reforma de cunho intelectual e teológico na Suíça (MACGRATH, 2007b; GEORGE, 1994; SENARCLENS, 1970). A partir dos pressupostos teológicos sistematizados pelos teólogos dessa reforma, se formou em torno deles – Zuínglio e Calvino – o Calvinismo (KUYPER, 2003), que é a base das Igrejas Presbiterianas pelo mundo afora.

A Reforma Radical foi considerada uma reforma dentro da Reforma (CAIRNS, 1995, p. 248). Ela defendia rupturas radicais com o Estado e com antigas práticas religiosas. Os protagonistas da Reforma Radical foram chamados de “Anabatistas”, principalmente porque pregavam que os cristãos deveriam ser batizados novamente, invalidando todos os batismos anteriores recebidos nos outros segmentos cristãos (CAIRNS, 1995). A partir dos anabatistas, as denominações batistas, as congregacionais e as menonitas foram constituídas e estão espalhadas por todos os Continentes.

Outro evento histórico que é considerado, também, uma espécie de reforma protestante, ocorreu na Inglaterra, por volta do século XVIII, sob o reinado de Henrique VIII, Eduardo VI, Maria I e Elisabete I (HEITZENRATER, 1996, p. 3). Embora a motivação também tenha sido de ordem pessoal, a Reforma Inglesa deu origem ao Anglicanismo.

Ainda no século XVIII, na Inglaterra, sob a inspiração do pastor anglicano João Wesley, aconteceu outro evento considerado, historicamente, reformista, o qual ensejou a formação do metodismo universal sob o qual foi organizada a Igreja Metodista (HEITZENRATER, 1996; LELIÈVRE, 1997).

Historicamente, as denominações Luterana, Presbiteriana, Batista, Menonita, Anglicana e Metodista constituem o grupo denominado Protestante. Contudo, mais recentemente, o Pentecostalismo² assumiu um lugar nesse grupo, por se constituir um

² Há uma considerável bibliografia sobre a história do Movimento Pentecostal pelo mundo, sugerimos HOLLENWEGER, Walter. **El Pentecostalismo**: Historia y doctrinas. (Coleção Biblioteca de Estudos Teológicos). Buenos Aires: La Aurora, 1976; no Brasil, FREIRE, Gedeon Alencar. **Assembleia de Deus**: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editora, 2010; FREIRE, Gedeon Alencar.

Movimento que perdura por mais de um século e possui uma teologia, dentro de suas peculiaridades e limites, consistente.

As reformas que originaram esses grupos protestantes foram de cunho teológico e doutrinário. Cada grupo tem suas características particulares. Porém, é necessário dizer que a reforma liderada por Lutero, Calvino e Zuínglio e pelos monarcas ingleses foram reformas de implicações estatais. Dessa forma, essas reformas foram, também, reformas nacionais, como por exemplo, a Alemanha, a Inglaterra e a Suíça, que tiveram em seu governo mudanças influenciadas por essas reformas.

No período da permanência do missionário Grubb, no Chaco, essas nações eram potências que exerciam, pelo mundo, influência de características imperialistas sobretudo no tocante à política econômica. Embora as nações protestantes e Imperialistas apresentem diferenças na visão teológica e eclesiológica que adotaram com a Reforma, não eram diferentes concernentes aos objetivos que as impulsionavam a exercer estratégias de dominação entre outros países. A respeito das diferenças teológicas e eclesiológicas, conforme Biéler (1999, p. 36):

Constatar-se-á também, que essas diferenças entre luteranos e calvinistas se explicam pela sucessão de duas etapas históricas, bem distintas, da Reforma, que conduziu os reformadores a adotarem posição diferentes na ordem e na importância das reformas a empreender. Mas se a observação delas é útil para explicar certos matizes entre as famílias reformadas, elas não alteram fundamentalmente as características do protestantismo considerado no seu conjunto.

Naquela época, o protestantismo se sentia responsável pelas mudanças sociais, como tarefa, divinamente, imposta. Devido a proliferação do protestantismo pelo mundo até os dias atuais, pela influência que exerce nas sociedades, podemos inferir que as denominações protestantes se sentem responsável, agora muito mais, sobretudo nos locais aonde estão sediados. Sobre essa “vocação” permanente, Biéler (1999, p. 8) afirma que:

A transformação social, quando tem base na Palavra de Deus, é mais profunda e muito mais difícil de evitar. O poder do Estado tem de estar próximo da verdade para que sua administração faça crescer a riqueza em proveito de seu povo. Esta é a ordem da fé transformada em ação. A ação para nós cristãos, deveria estar sempre representada por fixar objetivos transparentes, promover a união e difundir a verdadeira informação para que

Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleia de Deus 1911-2011. (Coleção Protestantismo e Sociedade). Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013; em Rondônia, MELO, Josué Passos de. **Caldeiras em Chamas:** a Igreja Pentecostal na formação de Porto Velho 1922. Porto Velho. Temática, 2019.

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 3, p. 38-61, 2021.

todos dela tomem conhecimento e partilhem.

Não há reforma sem transformação da sociedade. De igual manifestação, a reforma social e a reforma religiosa marcham lado a lado.

Os cristãos modernos têm consciência dessa relação fragilizada hoje, e da utopia que foi essa aspiração no passado. Eis o que afirmou Biéler³ (1999, p. 38):

Mas o acúmulo da autoridade religiosa e da autoridade política na mesma pessoa, o Soberano Pontífice, é, no tocante ao Cristianismo, invenção relativamente recente. O imperador César e os sucessores desempenharam ambas funções. Persistentes disputas ocorreram entre o poder político e o religioso para conseguir acumular esses dois poderes supremos. Mas os imperadores, cristianizados, rejeitaram tal amálgama, reputando-o indigno de sua fé, (Graciano, desde o século IV). Essa dupla hegemonia foi reivindicada pelo papa muito mais tarde, na Idade Média e até os nossos dias. Tal ambição político-religiosa foi totalmente estranha aos espíritos dos primeiros cristãos por muitos séculos. Ver-se-á, mais adiante, como o papado procurou e definiu essa dupla supremacia pretensamente divina. O chefe da Igreja católica romana afirmava ser, então, simultaneamente a autoridade política suprema das nações e a autoridade religiosa universal dos cristãos.

Os líderes cristãos ainda não perderam o desejo de retomar o *status quo* perdido com a secularização da sociedade. Na atualidade, sobretudo no Brasil e nos Estados Unidos da era Trump, o protestantismo exerce acentuada influência na política. O atual Presidente da República Federativa do Brasil, teve como slogan de sua campanha e de sua administração, a frase: “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”. Ainda, verifica-se nessa administração a forte presença de pastores e pastoras em determinadas funções do alto escalão do Governo, assim como, generais como ministros de Estado. Essas escolhas se prendem ao pensamento de que a Igreja e os quartéis são celeiros de honestidade e eficiência, e seus representantes no poder, a garantia de que não haverá corrupção e que, Deus estará no “controle do destino da nação”.

Em síntese, neste artigo, utiliza-se o termo protestantismo não para denominar uma doutrina específica, mas para caracterizar um grupo cristão não católico, com origens na Reforma, conforme ocorreu em sua nação, a partir do século XVI. Vale ressaltar que Wilfred Barbrooke Grubb foi um protestante anglicano. Sua “denominação” é histórica e foi originada em um evento histórico reformista já mencionado acima.

³ Pastor e doutor em Ciências Econômicas André Biéler, suíço nasceu na cidade de *Naters*, em 4 de maio de 1914.

1.2 O Imperialismo

Edward Said (1995), o palestino nascido em Jerusalém, caracteriza o imperialismo como uma ideologia expansionista, sobretudo geográfica. Vastos territórios foram submetidos à uma nação ou a um grupo formado por nações. No século XIX, conforme Said (1995, p. 36):

Juntas, a Grã-Bretanha e a França controlavam territórios imensos: Canadá, Austrália, Nova Zelândia, as colônias na América do Norte e do Sul, o Caribe, grandes extensões na África, Oriente Médio, Extremo Oriente (a Grã-Bretanha ainda conservará Hong Kong como colônia até 1997) e a totalidade do subcontinente indiano – todos eles caíram sob o domínio inglês ou francês, e depois se liberaram; além disso, os Estados Unidos, a Rússia e vários países europeus menores, para não mencionar o Japão e a Turquia, também foram potências imperiais durante parte ou todo o século XIX.

As potências europeias, e incluso nesse grupo na atualidade os Estados Unidos da América, praticaram o imperialismo expandindo seus domínios e sua influência sobre os países invadidos. Mas nem sempre os Estados Unidos configuraram nesse grupo imperialista poderoso. De acordo com Said (1995, p. 34), “[...] na visão americana do passado, os Estados Unidos não eram potência imperial clássica, e sim justiceiros reparando males pelo mundo afora, perseguindo tiranias, defendendo a liberdade a qualquer custo e em qualquer lugar”.

Os Estados Unidos da América ensaiaram a estratégia imperial expansionista nas áreas de terra mais a oeste, no lado oposto do território que já havia consolidado sob seus domínios. A experiência deu certo. Sobre o progresso expansionista desse País, Said (1995, p. 39) apresenta a seguinte síntese:

Era preciso reivindicar e lutar pela anexação de novas áreas ao território norte-americano (o que foi feito com um êxito assombroso); havia povos nativos a dominar, exterminar e expulsar; depois, conforme a república ia envelhecendo e se ampliava seu poderio no hemisfério, havia terras distantes a considerar como vitais para os interesses americanos, objeto de intervenções e disputa – por exemplo, as Filipinas, Caribe, América Central, Vietnam, Coreia.

A partir do século XIX, se desenvolvendo século XX a dentro, os Estados Unidos da América se constituiu uma das maiores potências imperialistas do globo terrestre, ocupando uma posição polarizada na linha das potências mundiais. Os estadunidenses alimentaram a consciência de não apenas se tornarem senhores das Américas, mas do mundo. Conforme Guimarães (2013, p. 11):

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 3, p. 38-61, 2021.

A convicção dos Estados Unidos da América de sua superioridade em relação aos demais Estados, de sua missão de garantir a paz e a segurança internacional e sua contínua ação no sentido de procurar impor a outros Estados determinadas formas de comportamento político e acordos econômicos; a atividade de subversão e de promoção de golpes de Estado pelas suas agências; ou de comportamento militar, através da ameaça de agressão bélica a países que não aceitem se desarmar, configura, com clareza, uma política imperialista e os Estados Unidos, devido à amplitude geográfica, à variedade temática de sua ação cotidiana e ao volume de recursos econômicos, ideológicos e militares que mobilizam para seus fins podem ser denominados, com justiça, de o novo Império, ainda que proclamem, cotidianamente, até como parte de sua estratégia de hegemonia, não agirem jamais como imperialistas mas sim como uma nação democrata, respeitadora do Direito e dedicada ao bem da humanidade.

A prática do expansionismo imperialista dos norte-americanos exigia, tacitamente, que os novos espaços atingidos, bem como seus ocupantes, fossem dominados, exterminados e expulsos, isso em determinada circunstância. Em contextos que tais ações não eram favoráveis, devido ações de resistência do povo invadido, ou por ser a preservação dessa gente importante para os interesses dos estadunidenses, nesses casos, a prática imperialista assumia a natureza intervencionista ou de disputa.

Said (1995) define o conceito de imperialismo como sendo a “prática”, a “teoria” e “as atitudes” de uma metrópole dominadora. O autor enfatiza que quando essa dominação ocorre em um território distante do poder central, o imperialismo se manifesta na forma do “colonialismo”. Michael Doyle (*Apud SAID, 1995, p. 40*) apresenta uma definição para o termo imperialismo:

O império é uma relação, formal ou informal, em que um Estado controla a soberania política efetiva de outra sociedade política. Ele pode ser alcançado pela força, pela colaboração política, por dependência econômica, social ou cultural. O imperialismo é simplesmente o processo ou a política de estabelecer ou manter um império.

A guisa de conclusão, Said define imperialismo como sendo a “prática”, a “teoria” e as “atitudes” de uma potência política sobre uma sociedade política, perto ou longe do poder controlador central, com intuito de dominar, exterminar e expulsar seus naturais, pela força ou por alianças políticas, dependência econômica, social ou cultural.

Para Hobsbawm⁴ (1988), imperialismo é, antes de tudo, “império”. E as nações império eram as que construíram uma consciência de superioridade econômica. Não há

⁴ Eric John Earnest Hobsbawm, oriundo de uma família de judeus, nasceu na cidade de Alexandria, Egito, em 9 de junho de 1917, quando o País estava sob o domínio imperialista britânico. Viveu a dominação imperialista junto com sua família.

dúvidas quanto ao desenvolvimento econômico dessas potências, desenvolvimento este, que aliado ao poder econômico, também constituíram, uma consciência de superioridade cultural e política. Segundo Hobsbawm (1988, p. 87):

Era muito provável que uma economia mundial cujo ritmo era determinado por núcleo capitalista desenvolvido ou em desenvolvimento se transformasse num mundo onde os “avançados” dominariam os “atrasados”; em suma, num mundo de império.

Para Hobsbawm ainda, (1988), o século XIX foi o período histórico das vaidades pessoais, no qual os governantes se auto intitulavam “imperadores”. Nesse período da história, sobretudo na Europa, o *glamour* do Antigo Regime produziu nostalgias e, também, a necessidade de riquezas para custear as despesas com as satisfações desses egos. Portanto, restou para as regiões subjugadas o ônus gerado com o resgate desse *status*. Tal sorte caiu sobre determinadas partes do mundo. De acordo com Hobsbawm (1988, p. 89):

Duas regiões maiores do mundo foram, para fins práticos, inteiramente divididas: África e Pacífico. Não restou qualquer Estado independente no Pacífico, então totalmente distribuído entre britânicos, franceses, alemães, holandeses, norte-americanos e – ainda em escala modesta – japoneses.

Era o imperialismo colonial que se expandia no decorrer do século XIX. Na América Latina, o imperialismo se mostrou como dominação econômica e estava, hegemonicamente, nas mãos da Inglaterra. Conforme Hobsbawm (1988, p. 90), “Na América Latina, a dominação econômica e a pressão política, quando necessária, eram implementadas sem conquista formal”. Embora os Estados Unidos se sentissem donos da América Latina, por sua vez, o protestantismo britânico atuava, livremente, nos territórios conquistados, como Guiana Inglesa, algumas nações caribenhas, etc. e nos territórios ainda a conquistar como no caso, o Chaco paraguaio.

Depois de diversos debates, entre defensores e opositores, sobre a definição e utilização do conceito de imperialismo e de colonialismo, isso por volta do final do século XIX e início do XX⁵, sendo que restou acordado “De uma forma ou de outra, todas partes do princípio de que a expansão econômica ultramarina e a exploração do mundo ultramarino foram cruciais para os países capitalistas” (HOBSBAWM, 1988, p. 92).

O imperialismo formal ou neocolonialismo de cunho político econômico, conforme

⁵ Evento cuja participação do revolucionário russo *Vladimir Ilyich Ulianov*, mundialmente conhecido como Leni recebeu destaque.

Hobsbawm (1988), foi aplicado com algumas estratégias, que reduzia a nação invadida à condição de colônia. Entende-se por colônia de enquadramento a nação, na qual uma minoria dirigente europeia subjugava grandes contingentes nativos controlando posições importantes na administração, forças de segurança, judiciário. Por sua vez, a colônia de enraizamento, cujo contingente populacional europeu invasor ignorava, quando não exterminava populações nativas. Já o protetorado, era a forma mais branda de dominação – se é que se pode qualificar como branda qualquer que seja a forma dominadora – no qual o dominador mantinha o poder local controlando a nação invadida de forma indireta. Portanto, o imperialismo se constituiu pela dominação econômica, política, cultura, religiosa, etc.

O imperialismo ou colonialismo – ambos conceitos definem a mesma prática: dominação para fins exploração, de uma nação mais poderosa sobre outra, sem meios de resistência – se manifestou, também, por intermédio de um discurso (BHABHA, 2013) que justificava a prática de dominação. O imperialismo também é um discurso. O relato de Grubb é um exemplo que consideramos apropriado, pois, “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 2013, p. 123). As operações do missionário anglicano no Chaco paraguaio transformadas em discurso, reuniram todos esses elementos: povo “degenerado”, que como “criança”, precisa de “administração” e “instrução”.

O discurso colonial tem ainda a finalidade de transformar o nativo já metamorfoseado para a condição de colonizado, no “outro” – ele não é meu igual –. Precisa ser concebido, dado a “ele” identidade. “Portanto, apesar do “jogo” no sistema colonial que é crucial para seu exercício de poder, o discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um “outro” e ainda assim inteiramente apreensível e visível” (BHABHA, 2013, p. 124). Esse “outro”, nativo, nunca vai ser inglês. Só vai imitar de modo “parcial” o jeito de ser britânico. “O desejo de emergir como “autêntico” através da mímica – através de um processo de escrita e repetição – é a ironia extrema da representação parcial” (BHABHA, 2013, p. 150). O povo Lengua, podemos afirmar, não tinha a inteira consciência de que estava sob um processo de dominação.

O protestantismo já havia reproduzido antes esse discurso *creatio ex nihilo*⁶

⁶ Criação a partir do nada, embora os povos subjugados já possuíssem sua cultura e modo de viver que o tornava um ser social com características próprias, para o imperialismo eram apenas usáveis ou descartáveis.

colonizador. A Índia é um exemplo dessa prática quando, “O que se propõe é um processo de reforma pelo qual as doutrinas cristãs possam se conjugar com as práticas decisivas de casta para evitar alianças políticas perigosas” (BHABHA, 2013, p. 148).

para este texto, adotou-se como pressuposto metodológico a pesquisa bibliográfica do tipo histórica, tendo-se como base os estudos de Marc Leopoldo Benjamim Bloch⁷ (2001), o qual conceitua a história como estudo do homem. “Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade” (BLOCH, 2001, p. 54).

Esse “homem” ou “homens”, objeto da pesquisa histórica, não está alienado das forças sociais que o influencia ou é por ele influenciado. Por essa razão, Bloch (2001) afirma que é muito mais que “Ciência dos homens”, o que seria, de modo geral, vago. Existem outras ciências nas quais o homem é o objeto de estudo. Então, “É preciso acrescentar: dos homens, no tempo” (BLOCH, 2001, p. 55).

De forma a contribuir com mais detalhes, De Certeau⁸ (2010) ampliou a definição de história apontando o “lugar”, a “prática” e a “escrita”, conceitos relacionados ao homem. Conforme esse autor: “Encarar a história como operação será tentar de maneira, necessariamente, imitada, compreendê-la como a relação entre *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimento* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura)” (DE CERTEAU, 2010, p. 66).

Específica e sinteticamente, De Certeau (2010, p. 66) afirmou que: “Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um *lugar* social, de *práticas* “científicas” e de uma *escrita*”. Cabe ao historiador combinar esses conceitos e, na medida do possível, se manter isento durante a operação histórica na qual estiver atuando.

No tópico seguinte, trataremos, especificamente, da aplicação desses dois conceitos, imperialismo e protestantismo, os quais constituem o núcleo deste texto. Isto implica dizer que a pesquisa se deu em documento histórico: relatório⁹ de viagem. Conforme Bloch (2001, p. 128): “Assim como todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe, o

⁷ Marc Leopoldo Benjamim Bloch, era judeu, cujo nascimento se deu no dia 6 de julho de 1886, na cidade francesa de Lyon.

⁸ Michel de Certeau, padre jesuíta e historiador, também de nacionalidade francesa, nasceu em 17 de maio de 1925, na cidade de Chambéry.

⁹ Ou relato. Os estrangeiros que vieram para as regiões exploradas, tinham por costume (dever?) apresentar relatório (ou relato) sobre suas observações quanto a sua permanência e ao seu deslocamento nos territórios percorridos.

historiador escolhe a trilha. Em uma palavra, analisa”. Portanto, a análise se prendeu a identificar, no relatório do missionário protestante Grubb, narrativas de ações motivadas por uma consciência política imperialista. Deve-se deixar posto que, conforme a definição da história como ciência, de Marc Bloch e Michel De Certeau, nossa pesquisa tem como objeto o homem ou os homens, protestante e agente de uma consciência imperialista, cujas ações se deram entre 1889 e 1910 e estão relatadas em documento primário de autoria de um de seus agentes.

2 IMPERIALISMO PROTESTANTE EM WILFRED BARBROOKE GRUBB

Desde que o europeu soube da existência das terras que se tornaram as Américas, se desencadeou uma acirrada disputa entre as nações protestantes e católicas pela posse da terra, principalmente, a partir do século XVI. Mesmo com a celebração de tratados políticos, que estabeleciam obrigações e direitos, as invasões e a alteração de limites foram as estratégias utilizadas pelos colonizadores até o evento da independência das colônias, por volta da primeira metade do século XIX. Exceto parte da região da América do Norte controlada pela Inglaterra, que teve sua independência antes, na segunda metade do século XVIII.

Com as nações americanas independentes, a estratégia mudou para a celebração de tratados com os governos das próprias nações. Um exemplo muito clássico, na historiografia protestante brasileira, é o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, de 19 de fevereiro de 1810, celebrado entre a Coroa Portuguesa e a Inglaterra, (REILY, 1993). Embora o Brasil estivesse sobre o domínio português em 1810, mas do ponto de vista político era a sede do império lusitano. No período da permanência de Wilfred Barbroke Grubb na região do Chaco paraguaio, entre 1889 e 1921 aproximadamente (ROCHA, 2019), o Brasil havia conquistado sua independência e já havia iniciado outra fase de sua política, a República.

Esse cenário político favoreceu os projetos missionários das nações imperialistas, sobretudo da Inglaterra e dos Estados Unidos que com o objetivo de obter vantagens econômicas, utilizaram também, a religião, no caso o protestantismo, para a consecução de seus objetivos. Em todo o tempo, sobretudo antes da vinda da família Real portuguesa, “A presença protestante no Brasil foi tida como invasora e prejudicial porque estava mesclada com interesses comerciais e políticos” (HACK, 1985, p. 13).

O imperialismo, nessa parte do globo terrestre, ocorria pela submissão das nações

americanas, sobretudo as latinas, a tratados políticos que mais favoreciam os estrangeiros, dada a superioridade econômica, militar, tecnológica e o controle das normas do novo sistema econômico, que também passou ser baseado na mão de obra assalariada, principalmente (FURTADO, 1995).

Outro aspecto a ser considerado era a exibição desse potencial estrangeiro, a fim de seduzir a consciência dos naturais da terra fazendo-os acreditar que se submeter a esse domínio estrangeiro era a decisão mais acertada a se tomar. Tal medida é destacada por Hack (1985), o qual descreve o plano de fixação dos protestantes estadunidenses no Brasil, no século XIX, tendo como estratégia a construção de escolas, sobretudo para os filhos da elite brasileira. De acordo Hack (1985, p. 18):

A ideia básica que estava movendo todo o plano era o propósito de apresentar os Estados Unidos da América do Norte como o modelo de progresso ideal, que também poderia ser alcançado pelo Brasil. Esse progresso era representado, no Brasil, pelos engenheiros e mecânicos que construíam a estrada de ferro D. Pedro II, pelos empresários americanos do sistema de barcas Rio-Niterói, da linha de vapores Nova York – Rio de Janeiro e pelos empresários de diversos empreendimentos industriais. Esse progresso incluía também a educação representada pelo sistema de escola pública americana, que despertou grande interesse no Brasil.

Os empresários estadunidenses tencionavam a exploração econômica e, para isso, os missionários protestantes serviram como eficientes aliados, principalmente aqueles “[...] que viessem anunciar novos conceitos religiosos no Brasil” (HACK, 1985, p. 21). O objetivo dos protestantes era, entre outros, a de inocular nas mentes nacionais o ideal norte-americano e, para isso, “As igrejas norte-americanas deram grande ênfase às instituições educacionais, com a finalidade de realizar uma propaganda indireta dos ideais de uma civilização cristã nos moldes protestantes” (HACK, 1985, p. 58).

Os protestantes imperialistas utilizaram estratégias sofisticadas para alcançar a mente dos naturais dos países alvos. Para subsidiar seus planos estratégicos, minuciosos objetivos eram delineados. Em um plano¹⁰ missionário de 1859 dos protestantes presbiterianos, citamos abaixo um trecho (HACK, 1985, p. 23):

Já foi nomeado um missionário, o Ver. A.G. Simonton, membro do

¹⁰ “Ele incorporificou o plano missionário da Junta de Missões Estrangeira da Igreja Presbiteriana nos Estado Unidos da América do Norte. O plano foi aprovado em maio de 1859, numa assembleia geral, como Proposta de Missão no Brasil” (HACK, 1985, p. 22).

Presbitério de Carlisle e há pouco diplomado pelo Seminário Teológico de Princeton. Espera embarcar para esse novo campo missionário no começo do Verão. Sem dúvida a missão será um tanto experimental. Seus primeiros objetivos serão: explorar o território, verificar os meios de atingir com sucesso a mente dos naturais da terra, e testar até que que ponto a legislação favorável à tolerância religiosa será mantida. Se o resultado dessas investigações for positivo – e temos plena razões para supor que sim – a missão poderá depois ser ampliada em termos que as circunstâncias justifiquem.

Ficou bem explícito processos de colonização de mentes por intermédio do protestantismo apresentado em estratégias diversas, após minucioso estudo dos dados coletados e que foram publicados em relatórios de viagens de modo geral.

Ao analisar as narrativas dos estrangeiros protestantes, missionários ou viajantes aventureiros a procura de riquezas pelas terras, sobretudo da América do Sul, no caso do missionário inglês *Wilfred Barbrooke Grubb*, constamos que este estava no *Chaco* para fundar uma missão anglicana e estabelecer naquele povo a fé cristã, pode-se constatar, também, a minuciosidade com a qual os relatórios são preenchidos. Nada foge ao olhar perscrutador do estrangeiro visitante (explorador).

A partir das percepções do viajante, registradas no relatório da viagem, é possível confeccionar um mapa por outra pessoa, que nunca visitou o país, apenas com as observações detalhadas e narradas nos relatórios de viagens. Detalhes da geografia com seus rios, campos, montanhas, aclives e declives. Os possíveis perigos e obstáculos para quem, porventura, fará progressões no terreno a pé, montado em animais de carga. Para quem pretender se locomover pelos rios, os perigos de correntezas e demais empecilhos para uma progressão com mais sucesso, também não fugiu ao olhar do enviado estrangeiro. São narrados, minuciosamente, também, os melhores caminhos e as menores distâncias entre um ponto e outro, seja por água ou por terra.

A fauna e a flora são descritas com as características dos animais e aves, árvores e vegetação em geral. Alertando para os possíveis perigos que esses elementos do meio ambiente possam significar: animais ferozes e peçonhentos; peixes agressivos e rios nos quais eles se concentram em maior abundância. Os nativos desses territórios receberam atenção especial nas narrativas, dado que representam o grupo de maior potencial hostil. De acordo com Rocha (2019, p. 48):

O relato completo sobre a vida e os costumes primitivos, mitologia,

superstições e feitiçarias, com todas as barbáries que as acompanham, transmitirá uma ideia das dificuldades enfrentadas por Grubb na tentativa de transformar esse povo numa comunidade civilizada e na edificação de uma igreja cristã.

Referente ao Brasil, temos um importante relatório de viagem publicado em 1845 e de autoria do pastor metodista *Daniel Parish Kidder* de nacionalidade estadunidense. Esse missionário esteve no Brasil pela primeira vez entre 1836 e 1837 e uma segunda vez, entre 1840 e 1842. Nesses períodos, *Daniel Parish Kidder* percorreu o litoral brasileiro com intuito de fazer propaganda religiosa, embora essa atividade fosse proibida pelo Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, no seu artigo XII (REILY, 1993); contudo, os missionários protestantes poderiam assistir, religiosamente, os tripulantes dos navios de suas nações de origem que estivessem atracados nos portos brasileiros.

Kidder (2008) citou a viagem feita por terra entre o Rio de Janeiro e a Bahia, realizada de 1815 a 1818, pelo príncipe alemão *Maximiliano*, de *Neuwied*. O relatório de *Daniel Parish Kidder* registrou, minuciosamente, a geografia, fauna, flora, população humana e uma longa lista de tópicos das características da região brasileira entre o Rio de Janeiro e a Província do Amazonas, para o qual deu o título de *Reminiscência de viagens e permanência no Brasil -Províncias do Norte-* (KIDDER, 2008).

Os Estados Unidos, a Inglaterra e a Alemanha, entre outras potências, são nações de confissão de fé protestante. O protestantismo era – e ainda são com os devidos limites – um segmento da administração pública desses países¹¹, que constituem o grupo das nações que, exerceram, no século XIX, expressivas ações imperialistas nas antigas colônias portuguesas e espanholas nas Américas.

Especificamente na Amazônia, os Estados Unidos da América empreenderam esforços imperialistas conseguindo permissão por um determinado período de tempo durante o século XIX, conforme Teixeira & Fonseca (2003), para o monopólio do transporte fluvial e da importação de mercadorias e exportação de matéria prima, como é o caso da borracha extraída da seringueira.

A gana imperialista no controle da América do Sul, em específico, está registrada nos relatórios de viagens do século XIX, que descreveram verdadeiros mapas comentados, o que facilitaria qualquer entendimento a respeito do terreno e das pessoas que nele habitavam para qualquer das nações que intentasse uma invasão. No relatório do engenheiro *Edward Davis*

¹¹ Principalmente, luteranos na Alemanha e anglicanos na Inglaterra.

Mathews (2020) ficou registrado que no final do século XIX e início do século XX havia muitos estrangeiros – ingleses e estadunidenses – na cidade de Belém do Pará. A imigração ocorrida no século XIX se deu não sem o apoio do Governo brasileiro, que até assumiu os custos com essa movimentação de estrangeiros. Sobre as despesas, de acordo com *Mathews* (2020, p. 90):

Alguns alemães tinham sido trazidos de Hamburgo para Manaus para trabalhar como professores de carpintaria, alvenaria, ofício de ferreiro e outras ocupações úteis, e recebiam bons salários, mas eles não conseguiram se adaptar a um trabalho estável ou com a tarifa brasileira; portanto foram enviados de volta para Hamburgo, com grande perda e despesa para a província.

Edward Davis Mathews realizou a viagem entre os anos de 1872 e 1874 subindo os rios amazônicos desde a foz do rio Amazonas com o Oceano Atlântico, depois tomou o rio Madeira rumo aos Andes. Ele foi um engenheiro contratado pela empresa do Coronel *George Earl Church*, proprietário da empresa Madeira & Mamoré Railway e empreiteiro que assumiu o projeto de construção de uma linha ferroviária que ligasse a Bolívia com o porto de escoação de produtos por via fluvial, localizado em Santo Antônio de Rio Madeira. (FONSECA, 2020, p. 63).

As observações de *Edward Davis Mathews* sobre essa parte do território brasileiro foram, minuciosamente, registradas no relatório *Viagens pelos Rios Amazonas e Madeira: Brasil, Bolívia e Peru – 1872-1874*. Embora o motivo da viagem de *Edward Davis Mathews* não fosse protestante, o seu trabalho representava interesses econômicos de nações protestantes Inglaterra e Estados Unidos da América. Retornando ao tema principal, temos no relato de *Wilfred Barbrooke Grubb*, elementos que demonstram a intenção das potências imperialistas em conhecer e, depois, estabelecer sua cultura, costumes e crenças. De acordo com Rocha (2019, p. 41):

Tanto Livingstone quanto Grubb eram naturais da Escócia e sabedores das ações “patrióticas” do Reino Unido em terras além-mar. O primeiro zarpa para a África. O segundo, para a América do Sul. Assim, conhecimento técnico e a crença no modelo de cultura ocidental para o mundo são postos a serviço do imperialismo britânico e, acirradamente, na luta contra outras formas de pensamento e cultura.

Uma característica bem marcante na consciência do protestantismo anglófono é a supremacia da raça de pele branca. O protestantismo é uma religião de brancos. Isso ficou bem explicitado no “Destino Manifesto” dos colonizadores ingleses que se estabeleceram nos

Estados Unidos da América. Conforme essa crença declarada, o colono branco tem direito à terra, em detrimento dos nativos que ali chegaram primeiro, porque foi escolhido por Deus. Diante dessa declaração, aqueles que estão ocupando a terra o fazem sem a permissão de seus “verdadeiros donos”, o protestante. O Destino Manifesto foi sintetizado por Costa (2011, p. 2268):

O Destino Manifesto foi uma doutrina estadunidense baseada em preceitos religiosos que legitimava e justificava a expansão dos estadunidenses a territórios alheios para a sua anexação ao território dos Estados Unidos. Tal ideia implicava que os estadunidenses eram um povo abençoado por Deus e escolhido especialmente para levar o esclarecimento aos “povos inferiores” da América do Norte.

As terras que, primeiramente, estavam na rota de ocupação dos protestantes brancos foram as do oeste dos Estados Unidos, nas quais moravam os indígenas e mestiços mexicanos entre outros. A adaptação cultural ficou impossibilitada devido a diversos fatores dentre eles, a cor da pele.

Outra fundamentação para esse entendimento de supremacia racial, econômica e política do imperialismo estadunidense, foi a “Doutrina Monroe”, que defendia “A América para os Americanos”, sendo que estes ditos “Americanos” eram apenas, os legitimamente “americanos brancos” que, por sua vez, tomavam os demais habitantes americanos, sobretudo os de origens mexicanas, sejam nativos ou mestiços, como classe inferior, sem condições cognitivas para se desenvolver e, por isso, podiam ser explorados, sobretudo quanto a religião, à economia, à cultura, etc.

Essa consciência de superioridade migrou da Inglaterra para os Estados Unidos nas malas dos *Peregrinos do Mayflower* (BIÉLER, 1999). Dessa forma, pode-se verificar que “A prática missionária e etnográfica de Grubb demonstra a sua relação de poder no contexto da interação com a outra cultura, com as descrições desdenhosas dos hábitos e costumes dos Lengua” (ROCHA, 2020, p. 42).

Já nas últimas décadas do século XIX, os ingleses, senão toda a Europa, inspirados no poema do britânico *Joseph Rudyard Kipling* o “fardo do homem branco”¹², que de forma tácita exaltava a ideologia imperialista, nutriram a ideia de que cabia a eles a civilização do mundo bárbaro, como missão de providenciar humanidade e espírito de solidariedade. Ao

¹² Primeiro verso do poema “o fardo do homem branco”: Tomai o fardo do Homem Branco/Envia teus melhores filhos / Vão, condenem seus filhos ao exílio / Para servirem aos seus cativos; / Para esperar, com arreios / Com agitadores e selváticos / Seus cativos, servos obstinados, / Metade demônio, metade criança. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/pi/pi06emdiante/pi200821.php>. Acesso em 29.01.2021.

analisar obras de poetas ingleses influenciados pela ideologia inspirada no poema de *Kipling*, Dias (1974, p. 52) concluiu que:

Queriam regenerar-se, e também ao mundo, através das ideias e da moral. Costumes antigos e tradições históricas pareciam um caminho seguro na busca da antiga ligação entre o homem e Deus, que se lhes desvendava como um processo orgânico de evolução da natureza humana. Parecia-lhes que o problema central da condição humana em seu tempo era uma exorbitância de valores materiais, ou seja, de interesses comerciais, capitalistas.

Contemporâneo ao “fardo do homem branco”, outra ideologia que serviu de fundamentação para as ações imperialistas foi o “Darwinismo social”, que influenciou uma lista considerável de estudiosos também, nas últimas décadas do século XIX. Conforme Coscioni (2018, p. 351):

Essa corrente intelectual é composta por autores variados que produziram trabalhos de análise social e política influenciada pelo evolucionismo entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX como Herbert Spencer, Ernst Haeckel, Cesare Lombroso, William Graham Sumner e John Fiske, entre outros. Além dessa grande diversidade de atores individuais que são considerados expoentes dessa corrente de ideias, vale lembrar que, do ponto de vista das ideologias políticas, o Darwinismo Social apresentou uma gama variada de possibilidades de apropriação e foi usado para defender uma série de concepções políticas que travavam conflito no final do século XIX e início do século XX, como o *laissez-faire* do capitalismo liberal, o nacionalismo imperialista, a eugenia e mesmo políticas progressistas de reforma social.

Para o imperialismo, as pessoas das nações invadidas significavam apenas força de trabalho. Precisamos ter em mente que o povo Lengua estava nessa condição, numa terceira posição abaixo do estrangeiro que, por sua vez, estava acima do paraguaio “civilizado”. A importância desse grupo no projeto imperialista transita em um terreno movediço podendo ser descartado quando sua serventia já não for necessária.

Nesse sentido, o protestantismo participa como o aferidor de importância ou provedor de efetivo, disciplinarmente, docilizado (FOUCAULT, 1987). O indígena vai provar seu valor se conseguir assimilar a cultura, nesse caso específico, a religião protestante. Esse nativo é visto como uma criança que precisa receber instrução. Grubb (*Apud* ROCHA, 2019, p. 43) “[...] o indígena é, essencialmente, uma criança, só que uma criança crescida, e, levando uma vida livre e sem restrições pode se mostrar uma criança perigosa em alguns momentos”. Podemos fazer uma análise das conclusões de Grubb, como o fez Rocha (2019, p. 43):

Esse preconceito deplorável de Grubb pode ser justificado se levarmos em consideração que a sua formação era ocidental, e, como todo new-comer às terras sul-americanas, acredita que um olhar de relance para o Outro, para a sua vida e para os costumes é suficiente para compreendê-lo.

Para a mentalidade imperialista essa “criança” bem instruída na cultura protestante anglicana, se constituiria em um aliado para os interesses econômicos, políticos e religiosos daquele país colonizador. Com apoio do poder local, o missionário escocês, aplicava a estratégia do imperialismo formal na modalidade mais branda. Sobre este aspecto, Rocha (2019, p. 43) assegura que:

Em sua obstinação pelo trabalho missionário, Grubb adentra o interior do Chaco, explora e mapeia o espaço geográfico, faz croquis; estuda a língua e os costumes dos Lengua etc., entretanto, faz tudo isso para poder sedentarizar e catequizar os nativos, considerados pagãos, como dito anteriormente, mas, não sem a ajuda do governo do Paraguai.

O protestantismo a serviço do imperialismo participa desconstruindo o natural inoculando nele a cultura servil de seu país. Pouco provável que o colonizador considere ou acredite que o nativo possa se tornar seu igual. Todo esforço para consumir o processo de doutrinação é empreendido, sobretudo quando o colonizador encontra alguma resistência. Esse tópico de resistência, em algum grau, foi encontrado por Grubb. Na análise de Rocha (2019, p. 44) ficou caracterizada essa resistência do povo Lengua:

A disputa pelo poder de governar a vida alheia é a mola propulsora da narrativa de Grubb, levando-se em conta que há confrontações, coerções e negociações entre o missionário e os Lengua que, inovações para estes, são enredados nos estratagemas do missionário, com vistas ao alcance exitoso da sua prática cristã e a sua crença cega em uma única verdade, a Bíblia Sagrada.

A colonização de mentes passa pelo processo de apagamento de todos os valores que formam a identidade do indivíduo e do grupo étnico ao qual ele pertence. O imperialismo manifestado na sua forma protestante é a estratégia que efetua a “limpeza” de toda a manifestação cultural e coloca de imediato, outra no lugar. Conforme Rocha (2019, p. 49):

É fato que Grubb viveu entre os Lengua; que gastou os melhores anos de sua vida no interior do Chaco, mas é fato, também, que, ao mesmo tempo em que cristianizava os Lengua, deixou de fora, digo, ignorou os sentimentos, a história, a memória, os ritos, as festas etc. desse povo, e, com isso, ajudou na queda de um mundo que já enfrentava dificuldades de se manter de pé diante das adversidades próprias da vida que levavam.

As ideias imperialistas do século XIX tiveram no protestantismo uma potencialização, pois diferente do campo econômico ou político, o campo religioso se constitui uma dimensão humana de poder avassalador. A economia e a política pertencem ao mundo visível, mas a religião pertence ao mundo subjetivo. É metafísico. O protestantismo conseguiu se apresentar às mentes como aquele tem o controle dos dois campos: em síntese, o material e o espiritual.

Em Grubb, constata-se uma performance do protestantismo a serviço do imperialismo na sua forma mais perniciosa (ROCHA 2019, p. 49).

Tem-se em Grubb, o desmerecimento e a desvalorização das competências e habilidades do outro, de suas crenças e de sua liberdade de expressão e de pensamento. Tudo em nome do progresso, do racional, da civilidade, posto que, aos olhos do Ocidente, o capital era a luz que devia resplandecer, mesmo que fantasiada de cristianismo. O Evangelho como a única “salvação” daquelas almas pagãs, entregues ao ócio, à degeneração. Cegos em busca de uma luz, é assim que o missionário enxerga os Lengua.

Como se sabe, no século XIX, as missões protestantes Anglicanas – assim como de outros segmentos protestantes – abriram no Chaco paraguaio e, em diversos outros lugares colonizados, espaços para que empresas nacionais e estrangeiras ocupassem extensas áreas de terras dos nativos, com a finalidade de que nelas fossem formados pastos para milhares de unidades bovinas. A formação de extensas áreas de pastos implicam na mudança radical do terreno, sobretudo na destruição de áreas de florestas para a formação de campos de pastagens. Tal antropização do terreno, faz com que, principalmente, desapareçam as fontes de água, modificação ou extinção de habitat das variadas espécies de aves, mamíferos, répteis, anfíbios, etc. A mão de obra para essas empresas, geralmente, é a própria nativa, que ainda se torna consumidora de produtos industrializados oriundos dessas nações colonizadoras.

Nesse processo de fixação do estrangeiro nas terras dos nativos, é comum a extração de madeira e de minérios, que são exportados sem que os verdadeiros proprietários da terra recebam alguma compensação pela exploração de seus domínios. Como dissemos acima, o próprio nativo é aquele que extrai os produtos de sua terra, sem contudo, receber alguma compensação, que não as doenças, pobreza, indigência, alcoolismo e outros males do homem branco. Essas mazelas, dificilmente, constaram nos relatórios ou relatos de viagem. Ao contrário, o “Edem” é mais uma vez descrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a orientação de referenciais teóricos e metodológicos do campo da história, da política e da teologia, foi submetido a análise nesse artigo, o texto sobre a atuação do missionário anglicano Grubb, na região do Chaco paraguaio entre o povo Lengua, de autoria do Professor e Tradutor Hélio Rocha. Verificou-se que o protestantismo, sobretudo o de matriz anglicana, esteve a serviço do imperialismo praticado pela Inglaterra, no final do século XIX e início do século XX, na América do Sul, em destaque a região do Chaco paraguaio.

Os relatos de viagens de religiosos ou não, se constituíram para aquela época, em mapas minuciosamente elaborados, capazes de orientar quem por ventura, os utilizassem para explorar a região neles relatadas. A minuciosidade das descrições apresentam aspectos da cultura, economia, política e psicologia, dos habitantes dos territórios nos quais se praticou o imperialismo. A geografia, fauna e a flora, assim como os perigos, em potencial, que o ambiente pudesse apresentar, são descritos com riquezas de detalhes.

A paciência e a perspicácia dos religiosos em captar o ambiente se mostraram eficazes dado a quantidade de detalhes de seus relatos, que demonstram a acuidade com que faziam suas observações da terra e do povo. Os relatos de viagens denunciam a conquista de territórios, tendo com estratégia ações imperialistas, sob o pretexto de missões religiosas.

Pelo relato de viagem, verifica-se o *ethos* dos estrangeiros, sobretudo dos religiosos, que se sentiam no dever de trazer civilização para as regiões exploradas pelas potências políticas, econômicas e militares, reduzindo à condição de bárbara a cultura local e, impondo seus costumes, suas crenças, seu idioma, sua economia. Nesse pacote de “boas novas”, estava disfarçada o plano de reduzir à submissão e à exploração da riqueza da terra utilizando como mão de obra a força de trabalho nativa.

Tais empreendimentos obtiveram êxito, sobretudo a missão liderada pelo pastor anglicano *Wilfred Barbrooke Grubb*, pelo período de vinte anos de atividade na região do Chaco paraguaio, no final do século XIX e início do século XX.

As missões religiosas foram estratégias de dominação colonial, durante a Idade Média. No período da Expansão Marítima, a partir do século XV, aproximadamente, as missões religiosas alcançaram acentuado apogeu, sobretudo em regiões mais remotas do planeta em relação à Europa. Os religiosos católicos se mantiveram no monopólio dessa expansão até que as nações protestantes entraram na concorrência por novos territórios, a

partir do século XVI. Nos séculos XIX e, até meados do XX, as missões religiosas, de origens protestantes, realizaram diversas viagens e empreendimentos missionários nas Américas, obtendo considerável êxito.

Nesses séculos (XIX e XX) a política expansionista utilizou como ideologia e estratégia, o imperialismo, que se caracterizava em pelo menos, quatro modalidades: colonial; enquadramento; enraizamento; e o protetorado. Cada uma dessas estratégias eram utilizadas observando-se a resistência do povo que residia na região colonizada, os recursos a ser utilizados para a conquista e o retorno econômico. A partir dessas informações, pode-se inferir que o imperialismo se constituiu pela dominação economia, política, cultura, religiosa, etc. e o protestantismo foi um aliado de grande utilidade dado seu poder de subjugar mentes e espíritos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens Azevedo. **Protestantismo e Repressão**. São Paulo: Ática, 1982. (Ensaio v. 55).

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BIÉLER, André. **A força oculta dos protestantes: oportunidade ou ameaça para a sociedade?** Tradução de Paulo Manoel Protasio. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BLOCH, Marc Leopoldo Benjamim. **Apologia da História: ou o ofício de historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã**. Tradução de Israel Belo de Azevedo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

COSCONI, F. J. **O Darwinismo Social na geografia humana do início do século XX: o caso da obra Influences of Geographic Environment, de Ellen Semple**. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 22, n. 2, p. 349-365, mês. 2018. ISSN 2179-0892. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/140469>. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.140469>. Acesso em: 29.01.2021.

COSTA, Priscila Borba da. **O Destino Manifesto do Povo Estadunidense: Uma Análise dos Elementos Delineadores do Sentimento Religioso Voltado à Expansão Territorial**. In: Congresso Internacional de História. p. 2267-2276. 21-23 set. 2011. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/224.pdf>. Acesso em: 23.01.2021.

DE CERTEAU, Michel De. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes.



2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DIAS, Maria Odila da Silva. **O fardo do homem branco Southey, historiador do Brasil: um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. (Coleção Brasileira, v. 344).

FONSECA, Dante Ribeiro da. George Earl Church e o Transporte nas Bacias dos Rios Guaporé, Mamoré e Madeira (1870-1877). In: MATHEWS, Edward Davis. **Viagens pelos Rios Amazonas e Madeira: Brasil, Bolívia e Peru – 1872-1874.** Tradução de Hélio Rocha. Manaus: Valer, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramalhete. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 25. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995. (Biblioteca Universitária. Série 2. Ciência Sociais).

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores.** Tradução de Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GONZALES, Justo L. **E até os confins da Terra: Uma história ilustrada do cristianismo.** Vol. 2 A era dos gigantes. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1978.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **O imperialismo, o sistema internacional e o Brasil: Reflexões sobre a política internacional.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013

HACK, Osvaldo Henrique. **Protestantismo e Educação Brasileira: Presbiterianismo e seu relacionamento com o Sistema Pedagógico.** São Paulo: Cultura Cristã, 1985.

HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o povo chamado metodista.** Tradução de Cleide Zerlotti Wolf. São Bernardo do Campo: Editeo, 1996.

KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscência de viagens e permanência no Brasil: Províncias do Norte.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. (Edições do Senado Federal, v. 103).

LELIÈVRE, Mateo. **João Wesley: sua vida e obra.** Tradução de Gordon Chow. São Paulo: Vida, 1997.

MATHEWS, Edward Davis. **Viagens pelos Rios Amazonas e Madeira: Brasil, Bolívia e Peru – 1872-1874.** Tradução de Hélio Rocha. Manaus: Valer, 2020.

MACGRATH, Alister E. **Teologia Histórica: Uma introdução à História do Pensamento Cristão.** Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2007a.

MACGRATH, Alister E. **Origens intelectuais da Reforma.** Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2007b.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã.** Tradução de J. Maurício Wanderley. 9. ed. São Paulo: Casa Publicadora Presbiteriana, 1992.



REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1993.

HOBSBAWM, Eric John Ernest. **A era dos impérios (1875-1914)**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ROCHA Hélio. Grubb, Missionário & Etnógrafo no Chaco Paraguaio. *In: Revista Igarapé*. Porto Velho (RO). V.12, N. 4, p. 39-51, 2019.

SAID, Edward Wadie. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

SAUSSURE, A. de. **Lutero: o grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história da igreja**. Tradução de Anna Huber. São Paulo: Vida, 2004.

SENARCLENS, Jacques de. **Herdeiros da Reforma**. Tradução de A. Sapsezian. São Paulo: ASTE, 1970.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional: Rondônia**. 4. ed. Porto Velho: Rondoniana, 2003.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. Tradução de Jaci Maraschin. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2000.